

O pensamento docente espontâneo de licenciandos em química de uma universidade pública de Minas Gerais

Luiz Alberto da Silva Junior¹(IC), José Gonçalves Teixeira Júnior¹ (PQ)

¹Faculdade De Ciências Integradas Do Pontal/Universidade Federal de Uberlândia, Rua. Vinte, 1600. Bairro Tupã. 38304-402. Ituiutaba/MG *junior_mineiros@hotmail.com

Palavras-Chave: *Pensamento docente espontâneo, formação de professores, pesquisa em ensino de química.*

Introdução

As pesquisas em formação de professores têm mostrado que uma ideia comum entre os licenciandos é de que, para ser um bom professor, basta domínio do conteúdo específico, alguma experiência e certos complementos pedagógicos¹. Essa ideia vem do longo tempo que o estudante permanece no seu ambiente de trabalho – a sala de aula, enquanto aluno². Dessa forma, o futuro professor monta sua prática com base nos professores que teve e desconsidera o conhecimento teórico-pedagógico. Na literatura, essa concepção é denominada *pensamento docente espontâneo*¹.

O objetivo deste trabalho é mostrar algumas visões de licenciandos em química sobre a sua prática docente e verificar se o pensamento docente espontâneo está presente nelas. A pesquisa aconteceu com um grupo de estudantes de uma universidade pública, em Minas Gerais. Para a coleta de dados realizaram-se entrevistas semi-estruturadas³.

Resultados e Discussão

Neste recorte serão apresentadas algumas falas de três entrevistados sobre as questões específicas da prática pedagógica de cada um.

1. Quando perguntados sobre sua prática docente:

“Acho que eu estou formando o meu jeito de ser professora baseada nos meus professores. Eu acho que devo ensinar da forma como eu aprendi e que preciso basear naqueles professores bons e evitar aqueles professores ruins.” (Aluno A)

“Eu me baseio em experiências boas, professores da faculdade, minha professora do ensino médio [...]. Eu acho que ensinar da forma que eu aprendi, com experiências boas, faz o aluno aprender melhor.” (Aluno B)

“Eu me baseio no ensino médio, como eu aprendi a matéria. Da forma que eu entendi eu tento passar porque acho que o aluno também vai entender daquele jeito.” (Aluno C)

Observa-se a influência dos antigos professores e a caracterização do pensamento docente espontâneo baseado no senso comum do estudante, sem considerar, na sua fala, a importância da pesquisa em ensino de química como norteadora da prática.

2. Em outra questão, sobre a importância da

universidade e das disciplinas pedagógicas, os alunos responderam:

“Eu concordo com algumas teorias que a gente estuda, mas acho que a prática é mais importante, quando eu for dar aula vou aprendendo praticando, acho que ninguém vai lembrar das teorias. [...] eu duvido muito que eu vá retornar em algum livro e olhar lá, aquele fulano fez, ah vou tentar experimentar o que ele fez.” (Aluno A)

“Eu ainda não estou preparada para ser professora, mas eu falo que a faculdade mesmo com os estágios, as matérias pedagógicas, prepara um pouco mas não o suficiente.” (Aluno B)

“Eu acho que até o fim do curso eu não vou estar preparada, porque a gente fica preparado com a prática, acho que com o tempo que eu vou aperfeiçoando o que deu certo, o que deu errado” (Aluno C).

Maldaner⁴ aponta que esse descontentamento dos alunos está relacionado com a organização dos currículos das licenciaturas que, mesmo após a LDB ainda mantém desvinculação entre as disciplinas pedagógicas e específicas. Por isso, os estudantes não conseguem ver importância nas teorias pedagógicas estudadas e continuam a perpetuar os modelos de seus antigos professores.

Conclusões

Nota-se que mesmo com toda a problematização feita nas licenciaturas para formar bons professores ainda há alunos que consideram as experiências vividas um alicerce mais seguro para basear sua futura prática do que os modelos teórico-pedagógicos. Fica clara a necessidade de a universidade trabalhar essas concepções para conscientizá-los sobre a importância do conhecimento teórico, evitando assim a propagação dos modelos de senso comum.

Agradecimentos

Alunos que participaram da pesquisa.

¹CARVALHO, A. M. GIL-PEREZ, D. Formação de professores de ciências: tendências e inovações. São Paulo: Cortez, 2000.

²TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Revista Brasileira de Educação, n. 13, jan. 2000.

³CARMO, H.; FERREIRA, M. M. Metodologia de Investigação – Guia para auto-aprendizagem. Universidade Aberta, Lisboa, 1998.

⁴MALDANER, O. A. A formação inicial e continuada de professores de química. Ijuí: Unijuí, 2006.